

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Lucas Vis direcção musical
Stefan Blunier direcção musical

22 Abr 2023 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA & REVOLUÇÃO
ANO ALEMANHA



casa da música

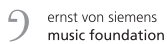
MECENAS CASA DA MÚSICA





Lucas Vis e Stefan Blunier apresentam os programas que dirigem
no ciclo Música & Revolução.

APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Lucas Vis direcção musical

Karlheinz Stockhausen

Stop (versão de Paris), para seis grupos de instrumentos (1969; c.28min)

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Bruno Maderna

Giardino Religioso, para orquestra (1972; c.17min)

Pierre Boulez

Notations, para orquestra (1945, orq.1978-97; c.18min)

- I. Modéré, fantasque
- III. Très modéré
- IV. Rythmique
- VII. Hiératique — Lent
- II. Très vif, strident

Karlheinz Stockhausen

MÖDRATH, 22 DE AGOSTO DE 1928

KUERTEN, 5 DE DEZEMBRO DE 2007

Stop (versão de Paris), para seis grupos de instrumentos

Os *Darmstädter Ferienkurse* (Cursos de Verão de Darmstadt) começaram a ser realizados em 1946 e rapidamente se tornaram uma referência da música contemporânea. Inicialmente promovidos por Wolfgang Steinecke (1910-1961), tiveram um grande impacto na formação e na divulgação de compositores associados às novas correntes estéticas do pós-Segunda Guerra Mundial, sobretudo ligados aos chamados serialismo integral e pós-serialismo. Assim, tornaram-se um ponto de passagem obrigatório para a geração de músicos como Karlheinz Stockhausen, Pierre Boulez, Luciano Berio, Bruno Maderna, Luigi Nono, Sylvano Bussotti ou Karel Goeyvaerts. Paralelamente, receberam a visita de proeminentes modernistas como Edgard Varèse ou Olivier Messiaen. Apesar desta inclinação para os modelos construtivistas associados ao serialismo, compositores como John Cage, Morton Feldman ou Iannis Xenákis também apresentaram as suas obras nesse evento. Na altura, a Europa encontrava-se no rescaldo da Segunda Guerra Mundial e na consolidação do que veio a ser a Guerra Fria. Posto isto, a reconstrução das instituições culturais europeias foi um imperativo para diversos países. Nesse contexto, a valorização e a promoção das novas estéticas estiveram ligadas à emergência de uma nova visão da Europa. Paralelamente, as inovações tecnológicas desenvolvidas ao longo do conflito vieram a ter uma forte influência na produção musical da época, sobretudo nos movimentos de pendor vanguardista.

Stockhausen será a figura de proa desse movimento em territórios germânicos, tendo frequentado os Cursos de Darmstadt a partir de 1951. Posteriormente, estudou em Paris com Olivier Messiaen, e fundou e dirigiu os Cursos para a Nova Música, em Colónia, a partir de 1963. Em 1968, esses cursos sazonais deram origem ao Instituto para a Nova Música, que funcionava de forma mais permanente e contava com Stockhausen para dirigir a classe de Composição. *Stop* foi composta nesse preciso contexto e em ambiente de palestra. Num seminário realizado em 1965, o compositor esboçou a obra e descreveu o processo da sua escrita. *Stop* existe em várias versões com instrumentação diversa, mas baseada em vários grupos de câmara. Neste concerto será apresentada a versão de Paris, composta em 1969, para seis grupos de instrumentos. Esse mecanismo permite uma segmentação do som pelo espaço, sendo que a espacialização sonora tem sido uma das preocupações mais importantes dos compositores do pós-guerra. Apesar de esta não ser a primeira versão de *Stop*, foi a primeira a ser estreada, a 2 de Junho de 1969, em Paris, sob a direcção de Diego Masson (destacado maestro e promotor das novas estéticas musicais).

A recuperação de modelos matemáticos na composição musical é uma característica das vanguardas estéticas da segunda metade do século XX, intensificando um interesse cultivado por modernistas como Bartók, Debussy ou Webern. *Stop* é disso exemplo e ilustra o complexo raciocínio de Stockhausen, que então se encontrava a expandir os modelos serialistas cultivados no início da sua carreira. A obra é dividida em 42 secções. A duração de cada uma dessas secções encontra-se relacionada com a Sequência de Fibonacci, um matemático italiano da Idade Média. A escolha dos

materiais musicais, feita de antemão, condiciona todo o desenrolar da obra, por vezes suspenso e interrompido. Neste caso, destacam-se os *tremoli* estáticos e os solos dos diversos instrumentos, recorrendo a técnicas interpretativas características dos modernismos. Com as secções periodicamente interrompidas, Stockhausen desenvolve uma noção de tempo musical simultaneamente estático e dinâmico, sobrepondo-o a uma abordagem estruturalista pós-serial.

JOÃO SILVA, 2015

Bruno Maderna

VENEZA, 21 DE ABRIL DE 1920

DARMSTADT, 13 DE NOVEMBRO DE 1973

***Giardino Religioso*, para orquestra**

Uma das figuras de proa dos Cursos de Verão de Darmstadt foi o italiano Bruno Maderna, frequentador do evento a partir de 1951 e professor neste a partir de 1953. Além de compositor, foi um importante maestro, liderando a estreia de mais de 50 obras ao longo de várias edições. A presença de Maderna em Darmstadt resultou de um convite endereçado por Wolfgang Steinecke, impulsionador dos cursos, após recomendação do compositor Karl Amadeus Hartmann. A rápida afirmação de Maderna tornou-o uma referência aglutinadora e marcante da primeira geração de participantes.

Giardino Religioso é uma das últimas obras de Bruno Maderna, estreada pouco antes da sua morte prematura. Composta para pequena orquestra disposta de acordo com a visão do compositor, é uma sucessão de fragmentos contrastantes que atribui um papel fulcral ao maestro. As suas intervenções, que incluem tocar alguns instrumentos, orientam uma obra aberta e plena de variedade.

A partitura foi escrita em 1972 e terminada em Seranak, no Massachusetts, próximo de Tanglewood, local onde se realizava o festival homónimo. O evento encontra-se ligado à residência de Verão da Orquestra Sinfónica de Boston, da qual o maestro Sergei Koussevitsky foi director. Tanglewood foi palco de uma grande quantidade de estreias de obras contemporâneas, por vezes financiadas por fundações privadas. Lá, o Berkshire Music Center (actualmente Tanglewood Music Center) contribuiu para o aperfeiçoamento na formação de muitos músicos. Fundado em 1940 por Koussevitsky,

foi dirigido por Gunther Schuller (figura central na criação contemporânea dos Estados Unidos da América, que aproximou a música erudita ao jazz). No contexto da amizade com Schuller, Maderna desenvolveu *Giardino Religioso*, uma homenagem ao grande mecenas da música Paul Fromm em resultado de uma encomenda da Fromm Musical Foundation. Refugiado alemão nos Estados Unidos, Paul Fromm alimentou a criação contemporânea e manteve um jardim na sua residência. Como recusou uma dedicatória directa, Maderna fê-lo através do título, visto a tradução de Fromm ser “religioso”.

Estreada a 8 de Agosto de 1972, pelo Berkshire Music Center Ensemble, sob a direcção do compositor, *Giardino Religioso* é um percurso entre fragmentos, melodias, ritmos e timbres. Originalmente, a orquestra encontra-se disposta em canteiros enquanto o maestro passeia no jardim e vai intervindo na interpretação. A partitura é um exemplo notório da abordagem de Maderna, apresentando-se como uma sucessão de episódios contrastantes com notação de menor ou maior especificidade. Começa com fragmentos tocados pelos violinos a solo, que adensam a textura interpretando pequenas células angulares. As dinâmicas oscilam e preparam a entrada das duas harpas. A liberdade da escrita potencia a improvisação dos músicos, liderados pelo maestro. O *tutti* de violinos cria uma massa sonora densa, que se esbate progressivamente, reduzindo o andamento e a intensidade sonora. Seguidamente, os fragmentos interpretados pelas harpas tomam a dianteira. Os dois trompetes protagonizam um episódio intenso com material angular que ganha inércia e acelera, interrompido pela percussão do triângulo pelo maestro. Os pianos entram em cena num registo improvisado, interagindo com as congas e os tímpanos. Aqui, apresentam pequenos motivos

fragmentários e aproveitam o espectro alargado dos instrumentos. As trompas e a marimba participam na obra, seguidas pelos trompetes e pianos. Um ataque dos pratos antecede uma pausa dramática, sucedida pelas intervenções das harpas, da celesta e dos crócalos. Um registo contemplativo e lamentoso marca a entrada de um violino a solo, ao qual se adiciona outro imediatamente. O surgimento de mais instrumentos desses naipes adensa a textura, pontuada pelos pianos, que aproveitam a ressonância prolongada de agregados sonoros e consolidam uma concepção circular deste episódio. O *diminuendo* final inicia-se com o contrabaixo a solo e o regresso dos trompetes, dissipando o passeio do maestro por um jardim modernista, onde o inesperado é a norma.

JOÃO SILVA, 2023

Pierre Boulez

MONTBRISON, 26 DE MARÇO DE 1925

BADEN BADEN, 5 DE JANEIRO DE 2016

Notations, para orquestra

“Enquanto as minhas ideias não tiverem esgotado todas as possibilidades de proliferação, permanecem na minha mente”

Ainda durante os seus estudos com Olivier Messiaen (harmonia avançada) e René Leibowitz (técnica dodecafônica), Pierre Boulez lançou-se à composição daquela que ficaria como a primeira das obras do seu catálogo oficial. As *Doze Notações para piano*, compostas em 1945, no rescaldo das inovações de Schoenberg, Berg e Webern, seguem sobretudo o exemplo deste último (esteticamente mais radical do que Schoenberg). Ainda não estamos perante o serialismo integral, que o compositor desenvolveria em breve aplicando os princípios seriais a outros parâmetros que não apenas as alturas. Não obstante, o número 12 (número “sacro” para os compositores identificados com o princípio dodecafônico) deixa antever, desde logo, a dimensão construtivista que subjaz ao material musical. Estas doze pequenas peças aforísticas têm todas doze compassos de duração e são baseadas na mesma série de doze sons, sendo que cada uma delas se inicia numa nota diferente da série, segundo o princípio da permutação circular (a primeira começa na primeira nota da série, a segunda peça na segunda nota, etc.). Contudo, esse formalismo assumido como herança da Segunda Escola de Viena, a par da minúcia técnica colhida no exemplo de Webern, são contrapostos com uma rejeição da forma enquanto tabu, possibilitando elementos

de espontaneidade sem desfigurar a solidez de construção — traço que, aliás, marcaria a identidade composicional de Boulez. Não se foge à repetição de notas, ao destaque de figuras específicas tratadas com relevo quase temático, nem a um fluxo emocional discernível (crítica frequente dos mais ferozes opositores do compositor).

Boulez tinha já ensaiado uma transcrição orquestral das *Notações* no ano seguinte à sua composição, entretanto abandonada. Sempre pronto a reequacionar ideias, a visitar e “recompor” material, empreenderia trabalho orquestral baseado nestas peças a partir do final da década de 1970, terminando ao longo dos anos versões orquestrais das *Notações I-IV* (estreadas em 1980) e *VII* (composta em 1997 e estreada em 1999). O mais interessante destas versões orquestrais, além do resultado já fascinante em termos puramente tímbricos, é que não são meras transcrições, mas sim versões expandidas (em duração e em escopo) da mesma ideia musical que preside à composição do aforismo pianístico original. O rigor técnico da composição e o virtuosismo orquestral combinam-se em páginas extraordinariamente vivas e diversificadas, agarrando o ouvinte numa alternância entre passagens contemplativas e peças de *bravura* que torna esta uma das mais ricas experiências do repertório orquestral.

PEDRO ALMEIDA, 2016

Lucas Vis direcção musical

Considerado um especialista em música contemporânea, Lucas Vis (1947) dirigiu muitas obras em estreia mundial e trabalhou com compositores de renome como John Cage, Mauricio Kagel, Karlheinz Stockhausen, Theo Loevendie e Louis Andriessen. Começou a sua carreira musical como violoncelista, evoluindo como maestro multifacetado a partir da conquista de um prémio num curso de direcção de orquestra no Mozarteum de Salzburgo.

De 1976 a 1979, Lucas Vis foi o maestro titular da Orquestra do Ballet dos Países Baixos, tendo dirigido tanto peças clássicas, como modernas. Na condição de maestro convidado, trabalhou com todas as orquestras holandesas, entre as quais a Orquestra do Real Concertgebouw e a Residentie, orquestras da rádio e diferentes ensembles, abrangendo um amplo repertório. De 1988 a 1996, foi o maestro titular da Noordhollands Philharmonisch Orkest, em Haarlem, tendo dirigido obras de diferentes épocas. Na Ópera dos Países Baixos, sob a sua batuta foram tocadas não só óperas de Wolfgang Amadeus Mozart, Giacomo Puccini, Ferruccio Busoni, Bruno Maderna e Giuseppe Verdi, mas também estreias de compositores holandeses como Otto Ketting, Theo Loevendie e Guus Jansen. Durante o período em que foi assistente de Bruno Maderna, entre 1967 e 1973, recebeu o Prémio de Composição Koussevitzky Tanglewood (1971).

Lucas Vis foi director do Conservatório de Amsterdão entre 1998 e 2005. Além dos convites regulares para dirigir várias orquestras e ensembles, é muito requisitado enquanto orientador e professor.

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktag. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a actuar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philotomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justè Janulytè, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais co-encomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann: uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo de canções *Dichterliebe* de Robert Schumann. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti. Em Outubro, regressa à Philharmonie de Paris.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno

Viola

Trevor McTait

Alfonso Noriega

Violoncelo

Oliver Parr

Filipe Quaresma

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Claire Colombo

Clarinete

Victor J. Pereira

Ricardo Alves

José Eduardo Gomes

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Tuba

Adélio Carneiro

Percussão

Mário Teixeira

Piano

Jonathan Ayerst

João Casimiro Almeida

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira

Paula Carneiro*

Radu Ungureanu

Vladimir Grinman

Alan Guimarães

Andras Burai

Emília Vanguelova

Evandra Gonçalves

Ianina Khmelik

José Despujols

Maria Kagan

Roumiana Badeva

Vadim Feldblioum

Ana Luísa Carvalho*

Jorman Hernandez*

Joana Machado*

Mariana Cabral*

Jean Philippe Passos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro

Nancy Frederick

Tatiana Afanasieva

Lilit Davtyan

Catarina Martins

Mariana Costa

Domingos Lopes

José Paulo Jesus

Paul Almond

Pedro Rocha

Karolina Andrzejczak

Nikola Vasiljev

Pedro Carvalho*

José Pedro Rocha*

Mariana Moita*

Afonso Almeida*

Viola

Mateusz Stasto

Pedro Meireles

Anna Gonera

Francisco Moreira

Luís Norberto Silva

Jean-Loup Lecomte

Hazel Veitch

Biliana Chamlieva

Emília Alves

Teresa Fleming*

Carlos Monteiro*

Catarina Gonçalves*

Rita Costa*

Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov

Vicente Chuaqui

Feodor Kolpachnikov

Sharon Kinder

João Cunha

Michal Kiska

Aaron Choi

Hrant Yeranosyan

Burak Özkan*

Ana Sofia Leão*

Miguel Braz*

Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues

Florian Pertzborn

Tiago Pinto Ribeiro

Nadia Choi

Joel Azevedo

Altino Carvalho

Slawomir Marzec

Pedro Barbosa*

Raúl Represas*

Joana Vaz*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Telma Mota*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Pedro Silva*
Frederic Cardoso*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
Raúl Roque*
Hugo Sousa*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Pedro Silva*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*
Daniel Araújo*
Ryoko Imai*

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*
Ana Paula Miranda*

Piano

Vítor Pinho*
Elsa Silva*

Celesta

Elsa Silva*

*instrumentistas convidados

FAÇA UMA NOVA MELODIA COM O SEU IRS

Consigne 0,5% do seu IRS liquidado à Fundação
Casa da Música e ajude à criação de novas melodias.



saber mais

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

